

Encontro de divindades, por Kiko Marques⁷

Resumo: Investigo aqui os conceitos de horizontalidade e colaboração mútua nos processos de trabalho criativo através do exemplo prático de experiências pessoais e do trabalho com a companhia de que faço parte.

Palavras-chave: sentido comunitário, autonomia, não-hierarquização, transgressão.

Abstract: I investigate here the concepts of horizontality and mutual collaboration in the processes of creative work through the practical example of personal experiences and work with the company I belong.

Keywords: sense of community, autonomy, non-hierarchical, transgression.



Foto de Maringas Maciel. Rose de Oliveira e Walter Portela
em *Cais* ou *Da indiferença das embarcações*.

⁷ Kiko Marques é ator, dramaturgo, diretor e professor. Como ator participou de inúmeras peças no teatro, e também no cinema televisão e rádio. Sua produção dramaturgica conta com oito textos, quatro deles encenados pelo grupo Velha Companhia. Há 14 anos ministra aulas de expressão vocal no curso profissionalizante para atores do colégio INDAC (São Paulo).

Acho bom falar sobre a *horizontalidade* nas relações de grupo e sobre o processo colaborativo da criação. São temas que nos interessam profundamente, bem como – creio eu – a todos os grupos e companhias envolvidos com a investigação dos processos da criação teatral.

Em nossa companhia, giramos em torno dessas questões sem conseguir, até agora, encontrar uma resposta satisfatória. A não ser enquanto exemplo de práticas específicas, ligadas a realidades e momentos particulares.

Poderíamos falar de um ou mais métodos de abordagem e manufatura que desenvolvemos ao longo de nossa prática e que foram se estabelecendo como portos mais ou menos seguros, mas que deixavam de sê-lo no momento em que tentávamos transformá-los em conceito.

A arte é por demais arisca e nos coloca constantemente frente a frente com o velho dilema: ou nos adaptamos a ela ou a adaptamos a nós. E uma das poucas certezas que nosso grupo se impõe é a de que se a arte coloca em cheque nossas certezas, pior para as certezas. Por isso, ao invés de conceitos, prefiro falar de fundamentos.

Poderíamos dizer que a *horizontalidade* das relações e a colaboração nos processos são pontos fundamentais em nosso trabalho. Sempre foram e assim continuam.

Mas estaria mentindo se dissesse que adotamos esse procedimento em todo o processo e sem ressalvas, como um método. Estaria negando uma parcela muito grande e determinante da nossa criação, que se fundamenta justamente na individualidade e na autonomia do criador.

Pensando um pouco sobre o pequeno paradoxo de uma arte ao mesmo tempo comunitária e individualizada, reporto-me a três narrativas pessoais. Ao final delas, faço um apanhado de alguns dos pontos sobre os quais se fundamenta nossa companhia.

A primeira narrativa nos leva à minha infância. Fui uma espécie de Quixote mirim. Tinha mais ou menos nove anos quando li meu primeiro romance. Chamava-se “O Gênio do Crime”.

Era um livro policial para crianças e contava a história de meninos que colecionavam um determinado álbum de figurinhas de futebol. Esse álbum distribuía prêmios a quem o completasse. O protagonista da obra, um gordinho chamado, acho, Bolachão (importante e anti-heroico detalhe) consegue completá-lo, mas descobre, ao ir buscar seu prêmio, que as figurinhas raras foram clonadas e vendidas por cambistas de uma quadrilha genial. Bolachão e seus amigos passam então a investigar a tal quadrilha.

Aquilo me fascinou. Não esperei o dia seguinte. Fui à rua procurar meus amigos de toda hora e, quando os encontrei, pus-me a expor, com paixão, minha ideia. Momentos depois estava fundada a “TS”, abreviatura de “Turma Secreta”, uma turma de detetives mirins comandados por mim, prontos a desvendar todos os mistérios que aconteciam na rua. Entre eles, em especial, o da casa abandonada, nossa principal obsessão que tinha por grande mistério o fato único de não estar habitada.

Pois bem, fundada a “TS”, damos um pulo no tempo. Estamos agora naquela que seria sua derradeira reunião. Meus amigos estão diante de mim e formalmente me comunicam a dissolução da turma. Atônito, pergunto o porquê. A voz já me tremia de raiva e despeito. Eles então me mostram o carimbo da turma onde se lê: “TS - Turma Secreta” (também riquíssimo detalhe de um carimbo a burocratizar e divulgar a secreta turma) e, abaixo do nome da turma, o meu nome, completo, sem abreviaturas. Mostram-me em seguida a ata da última reunião onde só constam as minhas opiniões. Ata feita por mim. Mostram-me o distintivo que bolei sem sequer perguntar a opinião de ninguém. Em resumo, acusam-me de ser um perfeito ditador mirim, um déspota imberbe. Sem mais, entregam os distintivos e partem. Anos depois iria pensar a respeito. Naquele momento jurei vingança.

Nossa segunda narrativa se dá cerca de quatro anos depois. Estava com treze e era uma criança difícil, brigava muito. Gostava da fama de bravo e transgressor. Olhando para os cachorros, noto que alguns são realmente bravos, mordedores por natureza. Outros, porém, o fazem por medo e vontade de pertencer à matilha. Eu era um desses.

Estávamos no pátio do colégio na hora do recreio de um dia comum, quando descobri que haveria uma apresentação, para pais e alunos, de uma coisa chamada teatro. Um evento especial que, devido à escassez de lugares, apenas convidados também especiais poderiam assistir. Como cachorro que era, e para manter aceso o falso poder do meu latido, fui à secretaria. Num momento de descuido do coordenador, roubei um dos convites. Desci ao recreio exibindo o bilhete e esbravejando – para quem quisesse, ou não, ouvir – que, se vontade me desse, assistiria “àquela merda” (a fidelidade à lembrança exige a transcrição do palavrão). O efeito foi o pretendido e proroguei por certo tempo minha fama de maluco (cachorros de latido ensaiado adoram ser chamados assim).

Findo o dia, finda a aula, meus admiradores se vão e ficamos sós, meu bilhete e eu. De estalo e sem motivo aparente resolvo assistir. Não sei porquê, nem sei que “eu”, mas resolvo. Subo as escadas (o auditório era no

último andar) e me sento na plateia. A luz apaga. Estou só. Absolutamente só. Toca o terceiro sinal, a peça começa e minha vida, que levava treze anos a caminhar numa direção, leva somente uma hora e quarenta minutos para tomar outro rumo. Jamais senti algo parecido.

No ônibus, de volta pra casa, uma coisa não me saía da cabeça: aquelas pessoas tinham se juntado pra me contar uma história. Linda e profunda. Haviam se reunido só para isso. Com algumas delas eu havia brigado, batido, mordido, e elas nem sequer se lembravam disso enquanto contavam-me a história. A história era maior do que todos. Que eu, inclusive. E era preciso estarmos juntos pra que ela existisse. A partir desse dia, como um Walt Whitman, estaria para sempre apaixonado pela fraternidade.

Nosso terceiro relato começa na turnê do espetáculo “A Alma Boa de Setsuam”, em que atuo junto a dez outros atores. Tenho, agora, exatos vinte anos de profissão. Vamos nos apresentar no Teatro São Pedro, em Porto Alegre. Já havia passado por lá alguns anos antes com outra turnê e tinha levado pra casa, sem entender bem o porquê, a impressão de se tratar do melhor teatro onde eu já atuara.

Antes de chegar à cidade, relembro a visita anterior: o teatro, as pessoas e, súbito, vem à mente a administradora do São Pedro, apresentada a mim como uma figura pitoresca, Dona Eva Sofher. Chegamos à cidade e, como sempre faço, vou ao teatro para me familiarizar com o espaço. Minha grande amiga e colega de profissão vem comigo e diz que seremos recebidos por dona Eva, que irá nos apresentar o Teatro. Prevejo a grande tarde que passarei.

De fato, somos recebidos por uma dona Eva muito velhinha, mas dona de uma vitalidade invejável. Ela, ao mesmo tempo em que nos mostra todos os recantos da construção de meados do século XIX, conta como se tornou administradora. O teatro estava para ser demolido quando ela chegou de seu país acompanhando o marido que viera a trabalho. Como atuara na área da cultura, aqui chegando, procurou a Secretaria de Cultura em busca de trabalho. Descobriu, então, que o secular Teatro São Pedro estava para ser demolido, mesmo fim de uma construção vizinha, também secular, que hoje não passa de um suntuoso e negro edifício comercial. Dona Eva contou que, nesse momento, teve sua certeza (como a minha aos treze anos): iria se dedicar integralmente à reconstrução daquele teatro.

E assim o fez. Lutou para aprovar junto a empresas e governos as obras da reforma; abriu licitações (uma delas junto às empresas de confecção para que refizessem o tecido original das poltronas a partir de

um pedaço do pano encontrado nos escombros); conseguiu equipamentos modernos de som e luz etc. Reconstruiu o teatro com um conceito de preservação de sua história e modernização de seus equipamentos. E o fez – disse – para nós atores, para os espectadores, para si mesma e para os fantasmas. “Theatros como este têm seus fantasmas. Não se deve expulsá-los. Eu sei que, quando morrer, também serei um fantasma deste teatro”. Já me sentia ao lado de um imortal, um deus ou um poeta.

Saímos e ela nos mostrou tudo o que estão construindo: uma concha acústica, várias salas de ensaio, teatros. Um verdadeiro complexo artístico acoplado ao São Pedro. Estupefato, e lembrando de uma frase do autor que íamos representar na cidade, perguntei-lhe: quem paga isso? Ela respondeu: “Todos. Peço a todos. Pedi esses terrenos. Eram terrenos sem uso. Pedi tanto que acabaram dando. Fui à Coca-Cola e consegui que patrocinassem uma sala. Dei o nome de *Sala Coca-Cola*. Fui à Pepsi e disse: a Coca-Cola está com uma sala com o nome dela. Vocês não vão fazer uma com o nome de vocês?”. Sorri, enquanto ela me apontava a *Sala Pepsi*.

“E o governo?”, perguntei. Veio a resposta que faz com que este relato se encontre aqui neste momento: “Nesses mais de trinta anos, eu lutei contra absolutamente todos os governos por esse teatro.”.

Tal conversa me remeteu a divulgadíssimo pensamento de Bertolt Brecht, segundo o qual:

Há homens que lutam um dia e são bons,
há outros que lutam um ano e são melhores,
há os que lutam muitos anos e são muito bons.
Mas há os que lutam toda a vida
estes são imprescindíveis⁸.

Não contei essas histórias para entretê-los. Elas marcaram não só meu caráter, mas minha postura ética em relação à vida, à criação artística e, conseqüentemente, à minha companhia. Cada um de meus parceiros, com suas histórias e trajetórias pessoais, influencia também de forma decisiva a estrutura que vamos criando.

Tive inúmeras experiências com companhias e grupos. Ajudei a fundar e vi muitos deles se dissolvendo. De cada um guardo uma suposição sobre as causas de seu fracasso. É provável até que veja parcialmente as coisas, mas sempre me pareceu que ora havia imposições por demais, ora uma necessidade infantil de um tipo de liberdade que se confundia com falta de ação, além da falta de talento ou vocação em alguns casos.

⁸(<http://www.escritas.org/pt/poema/1496/ha-homens-que-lutam-um-dia-e-sao-bons> consulta em 07/12/2014).

A Velha Companhia, hoje, estrutura-se sobre alguns princípios:

- Liberdade de ação – Não conseguimos criar, até hoje, uma forma de subsistência da companhia que dê conta de seus gastos e dos de seus integrantes. A sazonalidade da entrada de recursos – fruto de políticas culturais que, salvo poucas exceções, não valorizam a continuidade do trabalho, e fruto também de nosso compromisso com as necessidades da obra artística em detrimento de sua viabilidade comercial (nossa peça atual é feita para 40 espectadores e somos 14, apenas no palco) – faz com que necessitemos de uma outra ordem de ganhos. Em vista disso, temos uma compreensão para com os trabalhos extracompanhia que foi se estabelecendo com base em regras não impostas (mas exercidas por todos). Essas regras partem do amor ao que se faz; do cuidado com o outro e com a obra; e do bom senso. Exemplo: um ator pega um comercial para filmar na véspera da estreia. Dificilmente esse ator irá propor que não se ensaie em virtude desse ganho adicional. Ele recusará o comercial e nem nos avisará, pra que a não entrada desse dinheiro, tão bem vindo, não pese sobre nossas consciências. Por outro lado, em outras situações, jamais houve uma palavra de repreensão a qualquer um de nossos atores por ter, por exemplo, ido à televisão fazer o que quer que fosse.

- Sedução - O contrário da imposição é a sedução, não a liberdade. O diretor que descobre isso tem em suas mãos o melhor de cada artista. Trabalhamos na ideia de obra comum. Como na peça que vi aos treze anos, cremos no comunitário como força maior da arte teatral. Por isso, não só discutimos muito como verdadeiramente participamos das criações. O processo dramaturgic que desenvolvo, por exemplo, parte sempre de uma obsessão minha. Mas trata-se apenas de um ponto de partida, que logo é compartilhado por todos. E isto se dá por meio de conversas, pesquisas, improvisações, onde os outros artistas envolvidos entram com as suas histórias e suas próprias obsessões. O que vai comigo para o escritório onde escrevo é um material profundamente híbrido, tanto em relação ao original, quanto à própria realidade em que esteve inserido. E, uma vez concebida, a obra nunca é recebida como puramente individual. É sempre acolhida como um bem comum. Apesar de ser claramente minha. Talvez seja essa a grande força da companhia.

- Não hierarquização das funções e ganhos – Quando se fala em *horizontalidade* na relação de trabalho, em contraponto à verticalização, penso logo na hierarquia capitalista que valora as funções em relação às demandas do mercado. Dentro do grupo, como forma de parceria,

minimizamos ao máximo essas diferenças. Ganhamos quase todos o mesmo valor, em função do grau de comprometimento e quantidade de trabalho exercido. Como exemplo, hoje em dia, minha função como dramaturgo não é melhor remunerada que a do operador de luz.

E, por fim:

- Autonomia - Apesar da participação de todos, exercemos uma autonomia completa sobre nossas funções. Um ator cujo olho não brilha não tem a capacidade de tirar o espectador do lugar de torpor onde vive. E, para que os olhos brilhem, é preciso que ele esteja em contato consigo, com sua criação, com suas escolhas. Uso o ator como exemplo, mas isto se dá em todas as áreas. Podemos e devemos exercer nosso heroísmo. Cremos no poder redentor do herói enquanto dádiva ao crescimento do grupo. Como na iniciativa da Dona Eva. Pra fazer o que fez, teve de subir seus *cornos acima da manada*, e enxergar o que ninguém via. A partir dessa transgressão, pode fazer o que fez. A transgressão talvez seja o maior atributo do artista e passa pela coragem e pela sinceridade na relação que ele trava com o que há dentro e fora de si. A essa coragem, todos os dias, abrimos uma metafísica garrafa de vinho.